

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

44

v. 25

Jul/Dez 2020

e-ISSN:2179-8001

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor
Carlos André Bulhões Mendes
Vice-Reitora
Patricia Pranke

INSTITUTO DE ARTES

Diretor
Raimundo José Barros Cruz
Vice-Diretora
Daniela Pinheiro Machado Kern

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Coordenador
Paulo A. de Menezes P. da Silveira
Coordenadora Substituta
Teresinha Barachini

Assistente Administrativo
Patrícia Pinto
Bolsistas - PPGAV
Maiara Elisa Strobelt

PORTO ARTE: REVISTA DE ARTES VISUAIS

EQUIPE EDITORIAL

Ana Maria Albani de Carvalho
Marilice Villeroy Corona
Mônica Zielinsky
Paulo Silveira
Teresinha Barachini

CONSELHO EDITORIAL

Androula Michael (UPJV, Amiens, França)
Annateresa Fabris (USP, São Paulo, Brasil)
Cristina Freire (USP, São Paulo, Brasil)
Icleia Borsa Cattani (UFRGS, Porto Alegre, Brasil)
Isabel Sabino (FBAUL, Lisboa, Portugal)
Raquel Henriques da Silva (UNL, Lisboa, Portugal)
Raquel Stolf (UDESC, Florianópolis, Brasil)
Suzete Venturelli (UnB, Brasília, Brasil)
Victor I. Stoichita (UNIFR, Fribourg, Suíça)

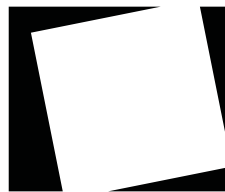
PROJETO GRÁFICO

Geovane Neves da Silva

EDITORIAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

@dia_gramação

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Porto Arte. – v. 1, n. 1 (jun. 1990). Porto Alegre : Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 1990 - .

Semestral (jan./jun.)

A partir do v.5, n. 8 (nov. 1993) passa a incorporar o subtítulo Porto Arte : Revista de Artes Visuais.

Os anos de 2015 e 2016 tiveram uma edição comemorativa por ano. As edições semestrais seguem em janeiro de 2017 com o n. 36.

e-ISSN 2179-8001 (versão digital)

1.Arte : Periódicos. 2. Artes Visuais – Periódicos. I. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

CDU 7 (05)

Silvia Holler – CRB 10/2456

Versão digital:

<http://seer.ufrgs.br/portoarte>
portoarte@ufrgs.br

Como citar:

Porto Arte: Revista de Artes Visuais. Porto Alegre: PPGAV-UFRGS, v. 24, n 42 , nov-dez.2019. e-ISSN 2179-8001

EDITORIAL

No Dossiê *Instinto e instituição*, organizado por Maria Amélia Bulhões e Cristina T. Ribas com a colaboração da convidada Paula Cobo-Guevara, foi dado espaço a algumas produções artísticas, críticas, narrativas e historiográficas que vem surgindo de um caminho traçado na experimentação tênue entre “instinto e instituição”, como debateram Gilles Deleuze, Félix Guattari e outros autores que focam no que poderíamos pensar, talvez estranhamente, por *destituínte*, também para pensarmos uma saúde menor, e junto a ela, uma saúde menor da arte, com “a” minúsculo. Atentas às novas intervenções (e invenções) institucionais que vem sendo inauguradas e instauradas e às formas de produção social situadas entre os modos da clínica e da cultura, convidaram autores para fomentar esse debate, partilhando seus referenciais, suas ferramentas conceituais e suas práticas. Neste sentido, o dossiê apresenta artigos e ensaios que surgem de práticas situadas a partir da análise institucional, da antipsiquiatria, da saúde e da saúde mental na América Latina e alhures, de clínicas públicas de psicanálise, de práticas artísticas e clínicas, de clínicas ecosóficas, que, cada uma à sua forma, surge de uma arte das processualidades, de focos de criatividade mutante, não cafetinada, e das formas insubordinadas, fragmentárias e ao mesmo tempo insurgentes diante dos limites institucionais e das forças normatizantes que se solidificam na atualidade, práticas, portanto, decoloniais. Mais do que uma reorganização topográfica de campos ou áreas do conhecimento, o que motivou as organizadoras do dossiê foi reunir produções e pesquisas que se pudessem agarrar pelo desborde, pela barra (como de uma saia), e, porque não, pelo meio mesmo, como acesso ao campo de forças, problemático e inventivo, dessas experiências. Trabalhamos aqui uma vontade

que apreendemos da história da análise institucional no Brasil, uma vontade política de produzir novos problemas, que seja uma vontade de invenção que dê passagem a afetos-matéria, e em movimento - entre espaços, grupalidades, instituições.

Nos artigos do dossiê, encontramos a fala das organizadoras Cristina T. Ribas e Paula Cobo-Guevara, as quais afirmam que desde a experiência da crítica institucional anglo-saxã, criaram-se diagramas conceituais para repensar a produção (e as condições) das práticas artísticas contemporâneas a partir das porosidades e encontros com práticas sociais e de novas concepções espaciais dos anos 60, produzindo, entre elas, um desborde disciplinar. Por sua vez, a análise institucional vai produzir experiências, saberes e práticas singulares também desde uma perspectiva de crítica radical às instituições, neste caso, “entramadas” nas instituições psiquiátricas, escolares, universitárias, de saúde, etc; nomeando estes desbordamentos e modulações sob o conceito de “transversalidade”. E, ainda, questionam de que forma estas duas trajetórias, sejam elas travessias, navegações ou rastejos de pensamento, poderiam abrir-se em afetações (afecções) comuns, atualizando experiências, práticas e saberes? De que forma se criam ferramentas e estratégias que nos dão acesso ao problema da produção de subjetividade e, por tanto, aos modos de existência que subvertem o regime colonial capitalista, racista, antro-po-logo-falo-cêntrico?

Ocupando um lugar especial nesse dossiê, o artigo de Maria Amélia Bulhões nos apresenta que essas conexões não são novas. No artigo “Identidade, uma memória a ser enfrentada”, escutamos sobre suas reflexões que analisam a tarefa da arte e da psicanálise nos agenciamentos da memória e das identidades. O artigo apresentado com palestra, ainda na década de 90, fala-nos das histórias das passagens discursivas, teóricas e institucionais que se teciam.

Os artigos de Veridiana Zurita, Jessica Gogan, Denise Adams e Maria Luiza Proença podem ser

pensados como caminhos de entrada numa conversa a partir das práticas artísticas e dos desbordamentos institucionais. Narram trajetórias e perspectivas que apontam caminhos para pensar a produção artística desde um olhar crítico e clínico sob as condições, possibilidades e limites das formas institucionais da arte no encontro com processos clínicos. Nos textos de Gogan e Zurita, mais especificadamente em relação a instituições psiquiátricas e, na narrativa de Proença, pensando a instituição museal.

Mais situados a partir do lugar da clínica, estão os textos de Ana Carolina Perella, Kwame Yonatan Poli dos Santos e Anthony Faramelli. A “clínica forasteira” de Ana Carolina Perella é, por sua vez, um recorrido pela experiência da autora em dois coletivos de psicanalistas trabalhando por fora dos marcos tradicionais do dispositivo clínico. A primeira experiência trata da Clínica do Cuidado e da Psicanálise, na região do Rio Xingu na Amazônia, nas populações afetadas pela barragem de Belo Monte, e a segunda experiência, na Praça Roosevelt, na cidade de São Paulo. O artigo de Kwame Yonatan Poli dos Santos, por sua vez, leva-nos a pensar sobre os limites e as bordas de uma psicanálise militante que precisa trabalhar o racismo (e posicionar-se antirracista) numa escuta clínica também da história preta da psicanálise no Brasil. Anthony Faramelli faz um recorrido pela prática terapêutica de Frantz Fanon e sua estética decolonial, analisando-a a partir da ético-estética de Félix Guattari, atravessando também o trabalho de Jean Oury.

Domenico Hur acessa o conceito de Corpo sem Órgãos, a partir de Antonin Artaud, e faz um percurso conceitual de parte da obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari para trabalhar a pergunta: “Como pensar uma clínica do Corpo sem Órgãos?”. Hur pensa suas atualizações na América Latina ao apresentar o ferramental da esquizoanálise e do esquizodrama como uma clínica do Corpo sem Órgãos. Enquanto isso, no ensaio “Teatro da Alma”, Maíra Gestner trabalha como terapeuta e artista. A autora nos leva a visitar sua prática

desde uma abordagem em primeira pessoa, abrindo-se a uma perspectiva artística, corporal e expressiva ao usar ferramentas provenientes do teatro. Ela já desenvolveu, durante muitos anos, sessões a partir do processo estético-clínico da “reestruturação do self” de Lygia Clark e, nesse ensaio, compartilha encontros proporcionados pelo Teatro Da Alma, uma criação singular que nasce a partir de várias experimentações entre estes enlaces da autora.

No texto “A Grade”, Susana Caló nos conta um pouco mais sobre a invenção diagramático-semiótica da “grade” no dia a dia da clínica psiquiátrica La Borde, em como esse dispositivo reorganizava funções, e, portanto, a percepção e a atuação sobre os papéis que cada um ocupava na clínica. Este texto conversa diretamente com os diagramas e desenhos de Miguel Norambuena e Paulina Varas sobre a clínica do Cotidiano realizada por Norambuena em uma clínica psiquiátrica em Genebra. A clínica do Cotidiano é uma clínica ecosófica posta em transmissão a partir de conceitos clínicos de Guattari na La Borde, onde Miguel participou e foi analisado.

E, submersos em duas realidades “pandêmicas”, temos duas perspectivas da saúde, mas de uma “saúde menor”, em dois ensaios que nos contam o dia a dia de um hospital de cuidados paliativos e de um sarau de um grupo de pesquisa. Um ensaio é o relato do Baphorau, de Michel de Oliveira Furquim, Dulce Meire Mendes Moraes, Maria Clara Elias Polo e José Nieto Olivar. Foi um sarau que aconteceu virtualmente, proposto pelo grupo de pesquisa CPAs-1 da Faculdade de Saúde Pública da USP, apresentado com um grupo de imagens que contam a importância da arte nesses agenciamentos da saúde e da pesquisa em saúde. O que nos conta o CPAs-1 também tem seus pontos de encontro com a quarentena coletiva de um hospital inteiro - os 100 dias de quarentena do Hospital Premier, um hospital de cuidados paliativos em São Paulo, ainda no começo da pandemia de coronavírus, no início de 2020, aqui apresentada pelos diretores do hospital convidados a refletir sobre essa experiência na ocasião

do lançamento de um filme que apresenta esses 100 dias, “Esquina do Mundo” por Denise B. Sant’anna, Manuela S. M. Salman, Maria Goretti Maciel, Peter P. Pelbart e Samir Salman.

Na sessão dos artigos submetidos através da chamada aberta, encontramos o artigo de Carlos H. G. Correia, Karin S. Komati e Francisco de Assis Boldt, que trata sobre a inteligência artificial, sob a perspectiva da combinação de imagens, a fim de integrar arte e tecnologia com inspiração em modelos biológicos. E, Diego Rezende propõe um diálogo entre as investigações linguísticas de Freud e os trabalhos de Magritte com o intuito de demonstrar que ambos trabalhavam com o conceito de ambivalência. Enquanto isso, Mayã Fernandes e Vera Pugliese constataam uma tensão interpretativa no que tange aos processos abstratos contemporâneos, em especial no Brasil, e para dar conta desta questão trazem para o foco de seus questionamentos as obras de Leda Catunda, Luiz Aquila e Tatiana Blass. E, Lucian Januário, em seu artigo, apresenta-nos um recorte da sua dissertação, sob a orientação de Robson Xavier da Costa, para nos falar da obra de José Rufino, em específico a sua instalação *Plasmatio*, apresentada na Bienal de São Paulo em 2002, trazendo à tona marcas profundas da Ditadura Militar no Brasil.

A partir da pesquisa sobre cultura visual, Claudio Rafael Almeida de Souza nos traz um estudo de caso a partir de documentos e exemplares museais sobre a metodologia utilizada por Maria H. O. Flexor em relação aos mobiliários Baiano dos séculos XVIII e XIX. E, com um artigo denso, José D’Assunção Barros discute a obra musical do brasileiro Lorenzo Fernandez a partir de uma possível divisão em fases a fim de entender a variedade de gêneros musicais que perpassam a atividade composicional deste músico.

Na sessão Ensaio Visual, o trabalho de Chris, The Red nos apresenta o ensaio fotográfico com o título “Ser – ou sobre atos da (não) existência” a fim de questionar a identidade a partir dos corpos. E, a

arquiteta Maria Teresa K. Saraiva apresenta imagens que tem no seu cerne a dor e o estilçamento da memória em fragmentos desprovidos de significado. Por último, Manoela Furtado traz o afeto ao ordinário de forma explícita ao nos oferecer imagens generosas de organizações cuidadosas de objetos encontrados à margem da sociedade. E, em nossa última sessão, em entrevista, Jorge Menna Barreto conversa com Vagner Godói e lhe conta sobre a sua obra *Restauo*, apresentada na 32º Bienal de São Paulo, a qual faz parte de uma série de questionamentos abordados por este sobre paisagem, meio ambiente e alimento.

Maria Amélia Bulhões
Cristina T. Ribas
Paula Cobo-Guevara
Teresinha Barachini